

UMA MEDIAÇÃO LITERÁRIA-MUSICAL PARA FAZER UMA EXPERIÊNCIA: UM Mergulho NA OBRA ONDA

A LITERARY-MUSICAL MEDIATION FOR AN HEIDEGGERIAN EXPERIENCE: A DIVE INTO THE WORK ONDA

UNA MEDIACIÓN LITERARIA-MUSICAL PARA UNA EXPERIENCIA HEIDEGGERIANA: UNA INMERSIÓN EN LA OBRA ONDA



10.56238/revgeov16n5-197

Luana Camila Hentchen

Doutoranda em Educação

Instituição: Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

E-mail: luanacamila@univali.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3082302173585656>

Dario Cristian Andino

Mestrando em Educação

Instituição: Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

E-mail: dario.andino@univali.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9608922137249024>

RESUMO

Este trabalho discute brevemente, por meio do método da cartografia, uma mediação literária-musical da obra *Onda* (Lee, 2017), aplicada a crianças na faixa dos cinco anos, na bebeteca do CEI por elas frequentado. A vivência proposta objetivou compreender a potencialidade de um trabalho integrado entre literatura e música de promover nos sujeitos, por meio da experiência estética, a possibilidade de *fazer uma experiência* (Heidegger, 2015) com vistas à melhoria da saúde emocional (Bruscia, 2016) e ao desenvolvimento da educação estética (Schiller, 2002). Baseado em experiências individuais dos autores, com mediações literárias de um lado e musicais – de ensino e de musicoterapia – do outro, o trabalho propôs uma vivência na seguinte sequência: 1. as crianças se colocaram confortavelmente sentadas no espaço da bebeteca; 2. de olhos velados, ouviram a introdução sonora, elaborada pelos mediadores a partir do livro *Onda*, utilizando vários instrumentos musicais; 3. ao abrir os olhos, as crianças realizaram leitura silenciosa da obra, livro puramente imagético, enquanto ouviam e viam intervenções sonoras/musicais realizadas pelos mediadores; 4. através de prática de *perguntação* (Hentchen, 2025), exploraram os sentidos possíveis da obra, em um exercício de desvendamento do simbólico. Confirmou-se que a conjugação literatura-música na mediação propicia o *fazer uma experiência* e beneficia os mediados ao promover o jogo entre o sensível e o inteligível que constituem sua integralidade humana.

Palavras-chave: Literatura. Música. Mediação. *Fazer Uma Experiência*. Educação Estética.



ABSTRACT

This paper briefly discusses, using the cartography method, a literary-musical mediation of the work *Onda* (Lee, 2017), applied to five-year-old children at the CEI children's library they attend. The proposed experience aimed to understand the potential of an integrated work between literature and music to promote in the subjects, through aesthetic experience, the possibility of having an experience (Heidegger, 2015) with a view to improving emotional health (Bruscia, 2016) and developing aesthetic education (Schiller, 2002). Based on the authors' individual experiences, with literary mediation on one side and musical mediation — teaching and music therapy — on the other, the work proposed an experience in the following sequence: 1. the children sat comfortably in the baby library; 2. with their eyes covered, they listened to the sound introduction, prepared by the mediators based on the book *Onda*, using various musical instruments; 3. when they opened their eyes, the children silently read the work, a purely imagistic book, while listening to and watching sound/musical interventions performed by the mediators; 4. through the practice of *questioning* (Hentchen, 2025), they explored the possible meanings of the work in an exercise of unveiling the symbolic. It has been confirmed that the combination of literature and music in mediation provides an experience and benefits those being mediated by promoting the interplay between the sensitive and the intelligible that constitute their human integrity.

Keywords: Literature. Music. Mediation. Heideggerian Experience. Aesthetic Education.

RESUMEN

Este trabajo analiza brevemente, mediante el método de la cartografía, una mediación literaria-musical de la obra *Onda* (Lee, 2017), aplicada a niños de cinco años en la biblioteca infantil del CEI al que asisten. La experiencia propuesta tenía como objetivo comprender el potencial de un trabajo integrado entre literatura y música para promover en los sujetos, a través de la experiencia estética, la posibilidad de realizar una experiencia (Heidegger, 2015) con vistas a la mejora de la salud emocional (Bruscia, 2016) y al desarrollo de la educación estética (Schiller, 2002). Basándose en las experiencias individuales de los autores, con mediaciones literarias por un lado y musicales — de enseñanza y musicoterapia — por otro, el trabajo propuso una experiencia en la siguiente secuencia: 1. los niños se sentaron cómodamente en el espacio de la biblioteca infantil; 2. con los ojos vendados, escucharon la introducción sonora, elaborada por los mediadores a partir del libro *Onda*, utilizando varios instrumentos musicales; 3. Al abrir los ojos, los niños realizaron una lectura silenciosa de la obra, un libro puramente imagético, mientras escuchaban y veían las intervenciones sonoras/musicales realizadas por los mediadores; 4. A través de la práctica de *la interrogación* (Hentchen, 2025), exploraron los posibles significados de la obra, en un ejercicio de desvelamiento de lo simbólico. Se ha confirmado que la combinación de literatura y música en la mediación propicia la experiencia y beneficia a los mediados al promover el juego entre lo sensible y lo inteligible que constituyen su integridad humana.

Palabras clave: Literatura. Música. Mediación. Experiencia Heideggeriana. Educación Estética.



1 CHEGANDO À PRAIA DE ONDA – INTRODUÇÃO

Este trabalho relata e discute brevemente, por meio de método cartográfico (ou rizomático) e se amparando bibliograficamente, uma experiência arte-educativa com o livro ilustrado infantil *Onda* (Lee, 2017), uma mediação literária-musical, conforme denominada por seus concebedores e mediadores, autores deste trabalho. A mediação foi aplicada a crianças de quatro e cinco anos, na bebeteca do Centro de Educação Infantil (CEI) por elas frequentado. A vivência proposta objetivou compreender a potencialidade de um trabalho integrado entre literatura e música de promover nos sujeitos, por meio da experiência estética, a possibilidade de *fazer uma experiência* (Heidegger, 2015) com vistas à melhoria da saúde emocional (Bruscia, 2016) e ao desenvolvimento da educação estética (Schiller, 2017).

A proposta de integrar literatura e música nasceu da observação da potência das duas linguagens artísticas, e, no caso da música, fundou-se grandemente nas implicações da audição musical apontadas por Bruscia (2016). O autor explora amplamente o tema e explica que a música

[...] pode influenciar diretamente estruturas e funções corporais, tais como a frequência cardíaca, a pressão sanguínea, respiração, atividade cerebral, tensão muscular, marcha, secreção hormonal, resposta imunológica, resposta galvânica da pele, temperatura, funções neurológicas, e assim por diante. Além disso, conforme tais estruturas e funções do corpo são alteradas, estados e processos psicológicos podem também ser alterados. Por exemplo, ouvir música pode influenciar níveis de consciência, tensão, ansiedade, relaxamento, dor e nível de energia. A audição musical pode também ser utilizada como um meio de biofeedback (Bruscia, 2016, p. 136).

Nesse tensionamento da sensorialidade e da sensibilidade afetiva, o trabalho musical pode ser articulado à teoria de Schiller (2017), que discute a educação estética do ser humano, a partir da consideração de sua natureza indissociavelmente sensível (sensorial e afetiva) e inteligível. Para o autor, a educação do humano deve considerar essa sua integralidade, e o acesso ao inteligível se dá pela via do sensível. Em suas palavras, “[...] o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração” (Schiller, 2017, p. 46), e “[...] para resolver na experiência o problema político é necessário caminhar através do estético, pois é pela beleza que se vai à liberdade” (Schiller, 2017, p. 24). Desse modo, o autor elege a arte como o grande objeto mobilizador do impulso lúdico, que decorre da mobilização concomitante dos impulsos sensível e inteligível, movimento necessário para a educação estética e, portanto, associa a emancipação intelectual diretamente à relação com os objetos estéticos.

Neitzel e Ramos (2022) defendem a literatura como objeto artístico, uma vez que é produto humano com intencionalidade expressiva simbólica, e estético, e explicam que uma experiência literária será estética ao provocar os sentidos e, nesse caso, requererá dos leitores uma interpretação que passe “[...] também pela emoção, pela intuição, pela sensibilidade” (Neitzel; Ramos, 2022, p. 25).

O aspecto estético musical é debatido por Ruud (1990), que propõe:



A música e a experiência musical se tornam estéticas ao se rees-crever essa experiência musical não-verbal e, às vezes, baseada no corpo. Encontramos, com frequência, na literatura da estética musical, que é o significado da música é deduzido diretamente da estrutura da música passando assim por cima da própria perspectiva do sujeito, que é inseparável do contexto mais amplo dentro do qual ele se encontra. Nesse nível da experiência musical, a música não é mais uma linguagem 'não-verbal' ela é, de preferência, uma expressão "polissêmica" (Ruud, 1990, pp.99-100).

A partir disso, os objetos estéticos e artísticos da mediação proposta, a literatura e a música, constituem a espinha dorsal do objetivo traçado e do trabalho realizado. A potência do livro literário está em seu caráter artístico-estético, sugestivo e não determinativo, portanto, aberto – ainda mais no caso de obra composta unicamente por texto visual, como ocorre com *Onda* (Lee, 2017). Já a música aciona fortemente o sensível – do sensorial e do afetivo –, ampliando a possibilidade de o ser que a recebe colocar-se em posição de disponibilidade para *fazer uma experiência*. Na integração de ambos, o conjunto sensível-inteligível que caracteriza o ser humano (Schiller, 2017) se aviva e, adentrando pela abertura do apenas sugerido, pode-se *fazer uma experiência*.

A expressão adotada por Heidegger (2015) alude a experiências de fato significativas aos sujeitos da experiência, em contraponto a simples vivências das quais se sai o mesmo que se entrou. Para o autor,

Fazer uma experiência com algo [...] significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. “Fazer” não diz aqui [...] que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula (Heidegger, 2015, p.121).

Na vivência arte-educativa essa potência alcança seu estado máximo, uma vez que a arte, por seu caráter simbólico e sugestivo, portanto aberto e não limitador, instiga mais do que fariam objetos ou propostas diretivas e limitadoras. A arte, com todo seu valor simbólico, se apresenta não como um campo transparente, linear e certo, mas como um território denso, cheio de irregularidades e incertezas, que avassala ao romper com as expectativas e desafia à transformação do olhar e do caminhar para a integração com a paisagem.

Foi considerando tanto que se iniciou a construção da mediação aqui apresentada, analisando a obra literária e experimentando como a sonoridade poderia ser a ela integrada sem ser reduzida a simples música de fundo ou efeitos sonoros. O intento era propor uma espécie de *texto musical* para a obra, ou seja, de apresentar a musicalidade como uma linguagem adicional ao texto visual, a qual poderia sim representar os sons sugeridos nas imagens, mas que, acima disso, agregasse sentidos à história nelas representadas. Neste ponto, Bruscia (2016) novamente ampara este trabalho, ao dissertar sobre o papel da música na vida humana:



Durante nossa vida, os sentimentos que experienciamos ao ouvir música nos dizem continuamente qual música se encaixa com a maneira como nos sentimos, qual música preferimos e qual música articula nossos valores e crenças. Como resultado, também desenvolvemos laços e associações muito fortes com algumas peças em particular ou estilos de música e/ou músicos. Eventualmente, desenvolvemos um repertório inteiro de músicas que testemunham nossas vidas, com algumas nos lembrando de eventos, pessoas ou estágios da vida significantes, e outras nos lembrando de nossas próprias lutas internas e triunfos com o passar dos anos. Dadas essas conexões profundas, ouvir música fornece acesso fácil a nosso mundo emocional e a nossos sentimentos, memórias e esperanças que temos experimentado em nossas vidas. A música literalmente testemunha nossa vida (Bruscia, 2016, pp.137-138).

Depois de explorar algumas possibilidades a partir dos instrumentos que se tinha à disposição, definiu-se a sequência sonora registrada na Figura 1:

Figura 1: A sequência do *texto musical* da mediação



Fonte: Elaborada pelos autores.

Com esse *texto musical* em mãos, a mediação foi proposta na seguinte sequência: 1. as crianças se colocaram confortavelmente sentadas no espaço da bebeteca, de costas para os mediadores; 2. de olhos fechados, ouviram a introdução sonora; 3. já reposicionadas de frente para os mediadores e de olhos bem abertos, as crianças realizaram leitura silenciosa da obra, livro puramente imagético/visual, enquanto ouviam e viam as intervenções sonoras/musicais realizadas pelos mediadores; 4. através de prática de *perguntação* (Hentchen, 2025), foram explorados os sentidos possíveis da obra, em um exercício de desvendamento do simbólico.

2 QUE MAR É ESTE? – A MEDIAÇÃO

Ao adentrar a biblioteca, sem saber o que as esperava, as crianças foram recebidas pelos mediadores e se depararam com tecidos cobrindo objetos por elas desconhecidos. Tratava-se dos instrumentos musicais, conchas e livro cuidadosamente organizados à frente de onde deveriam se sentar. O mistério foi o primeiro passo para aguçar suas curiosidade e atenção. Ao serem posicionadas



de costas a essa organização e orientadas a fechar os olhos e apenas ouvir por um momento, para somente depois descobrir o que lhes aguardava, as crianças se agitaram, mas se mantiveram atentas e colaborativas. Longe do silêncio e da imobilidade, o objetivo desse primeiro momento foi alcançado, entre espiadelas, remelexos e muito esforço por autocontrole.

2.1 O CHEIRO DO MAR E O PULSAR DA VIDA

A introdução sonora, etapa seguinte e inicial da mediação propriamente, fez as vezes de pré-leitura textual, tomando seu lugar. Em uma mediação literária típica ideal, mediadores e mediados exploram a obra como objeto artístico, analisando atentamente os detalhes de cor, forma, ilustrações externas, inscrições, e elaboram hipóteses acerca do que pode tratar a história. O objetivo primordial dessa fase de pré-leitura é engajar os mediados, acionando seus conhecimentos prévios e despertando interesse na leitura a ser realizada.

Ao se propor os sons do coração, do vento, da chuva e do mar nesse momento introdutório, intencionou-se, mais que ambientar a obra que seria apresentada a seguir, despertar possíveis memórias e resgatar a relação afetiva – nem sempre positiva – entre esses elementos naturais e o ser. No contexto em que foi aplicada a mediação, o tema *praia* é de grande relevância, uma vez que é parte da cultural local de cidade litorânea em que se situa o CEI. Na Figura 2, os instrumentos e respectivos sons apresentados nesta fase da mediação.

Figura 2: Instrumentos e sons representados na introdução sonora



Fonte: Elaborada pelos autores.

O tambor, primeiro instrumento a soar, foi usado para representar o som das batidas do coração, em uma alusão às figuras humanas do livro e sua relação – mãe e filha –, à ancestralidade e à

interioridade do ser, buscando um reconhecimento imediato da criança com um som que lhes é familiar desde o útero. Schafer (2011), apoia este argumento, ao tratar, com poeticidade, do tema:

O oceano dos nossos ancestrais encontra-se reproduzido no útero aquoso de nossa mãe e está quimicamente relacionado com ele. Oceano e mãe. No líquido escuro do oceano, as incansáveis massas de água impeliam o primeiro ouvido sonar. À medida que o feto se move no líquido amniótico, seu ouvido se afina com o marulho e o gorgolejo das águas. Em princípio, é a ressonância submarina do mar, ainda não é o quebrar das ondas (Schafer, 2011, p.33).

Já o som do vento, quase sempre presente na praia, se ajunta ao do coração, sendo simulado pelo girar do cano amarelo tipicamente utilizado como conduíte para fios de energia elétrica. O tambor de chuva assume o lugar do vento junto ao coração, buscando trazer tranquilidade e conforto, reforçando a referência intrauterina. Depois de alguns instantes do som duplo chuva-corção, o coração cessa, deixando ouvir apenas a chuva, até que também ela cesse e se ouça o som do mar, responsável pela consolidação da ambientação, que dura alguns instantes e então é interrompido. Neste momento, as crianças ouvem o título do livro *Onda*, o comando combinado para abrirem os olhos e então se posicionarem de frente para os mediadores e os instrumentos, agora completamente à mostra.

2.2 ENTRE A PAISAGEM E OS SONS

Durante a leitura (pouco) silenciosa do livro, as crianças revezavam os olhares entre a obra e os movimentos dos mediadores junto aos instrumentos musicais. Os olhos saltavam intrigados e sedentos, entre exclamações, suspiros, comentários e questões.

Enquanto a mediadora mostrava cada par de página do livro abrindo-o, erguendo-o para que todos pudessem ver com clareza e segurando-o por vários segundos para uma leitura desapressada, o mediador tomava a frente do *texto musical*, às vezes brevemente também conduzido pela mediadora. A Figura 3 apresenta os instrumentos e respectivos sons apresentados nesta fase.



Figura 3: Instrumentos e sons representados ao longo da leitura



Fonte: Elaborada pelos autores.

Esta fase da mediação, a leitura, iniciou-se com o som do trovão, simulado pelo tambor de mola, enquanto eram mostradas as páginas de guarda, dedicatória e a primeira ilustração da história¹, todas em preto e branco. O intuito nesse ponto era aludir ao tom sombrio dos dias nublados, mas também ao caráter melancólico e muitas vezes tristonho a eles atribuídos.

Na apresentação da segunda ilustração, quando o mar entra em cena, introduz-se o tambor oceânico que seguirá ao longo de todo o restante da leitura. A intensidade desse som variou, intencionalmente, assim como todo o restante do *texto musical*, de acordo a variação da apresentação do mar em cada ilustração, às vezes mais calmo, recuando ou avançando de mansinho; às vezes intenso ou bravo.

O som do xilofone surgiu em momentos pontuais da leitura, em uma evocação ao brincar: na primeira ilustração, quando a menina da história corre para o que ainda não se vê; na oitava ilustração, quando ela finalmente se aventura a brincar com a onda; e na décima terceira ilustração, quando já encharcada, ela brinca com as conchas, rodeada pela aves.

Na ilustração que encerra a história, as batidas do coração acompanham mãe e menina, que dá adeus ao seu novo amigo.

¹ A obra em questão (*Onda*; Lee, 2017) não tem as páginas numeradas. Suas ilustrações são todas de página dupla (precisa-se do livro aberto para visualizar a ilustração por completo, que se estende pelas duas páginas, a da direita e a da esquerda). Portanto, as ilustrações são aqui referenciadas conforme a ordem em que surgem no livro.



2.3 UM MERGULHO NA ONDA

A última fase da mediação, a da pós-leitura, é a fase da ampla exploração da obra e demais elementos da vivência proposta. A boa mediação é compreendida pelos mediadores e autores deste trabalho conforme proposta por Neitzel, Pareja e Krames (2020, p. 53), que definem:

[...] mediar é uma ação que necessita voltar-se ao outro e, dessa maneira, implica na escuta de sua narrativa assim como na partilha de experiências. Ela não pode ser confundida como repasse de informações, pois a mediação implica a construção de saberes coletivos, é acolhedora e promove encontros. Mediar o texto literário compreende encantar o leitor, provocar o seu desejo pelo texto e, ao adentrá-lo, colocar questões sobre o lido, aguçar os sentidos do leitor pelo texto, ampliar as possibilidades interpretativas, explorar a sua pluralidade semântica. O lido necessita fermentar ideias, gerar proposições para que essa leitura emancipe o leitor.

Partindo dessa concepção de mediação dialógica, acolhedora e instigadora que visa a emancipação intelectual dos mediados, assumiu-se, nessa fase da mediação aqui relatada, a estratégia maiêutica da *perguntação*, proposta por Hentchen (2025). A autora adota o termo para definir um “[...] processo de mediação centrado em questionamentos sobre a obra, que evita explicações e conceituações taxativas, especialmente anteriores ao processo de elaboração de sentidos por parte dos mediados” (Hentchen, 2025, p.3). Nessa prática, as respostas iniciais dos mediados são transformadas, pelos mediadores, em novas perguntas, em um movimento que busca mais elaborações dos mediados para seguir adiante na exploração do texto (Hentchen, 2025), levando-os a um exercício crítico e ativo de atribuição de sentidos ao lido. Compreende-se que esse exercício potencializa as possibilidades de os mediados *fazerem uma experiência* (Heidegger, 2015) com aquilo que lhes é apresentado, seja na sala de aula, na bebeteca ou mesmo em outros ambientes.

Assim, a *perguntação* foi iniciada com a questão “O que você tem a dizer sobre Onda?”, que foi imediatamente respondida pelas crianças das mais diversas formas possíveis, desde “Eu senti o cheiro do mar” até a “Qual é o nome desse instrumento?” (apontado o tambor de chuva). Nesse momento as crianças puderam comentar e perguntar livremente, sobre os variados temas despertados nelas pela mediação, falando sobre suas emoções e memórias, os instrumentos – que despertaram imenso interesse por serem desconhecidos pela imensa maioria das crianças – ou que quer que desejassem. Depois de alguns minutos nesse dinâmica, a atenção é novamente conduzida ao livro ilustrado, sobre o qual a mediadora realizou perguntas específicas e pré-estabelecidas.

A exploração do texto visual (as ilustrações) e do *texto musical* (os sons produzidos) envolveu de uma leitura mais superficial, como “Por que o vestido da menina mudou de cor?” (na décima quarta imagem) e “Por que vocês acham que nesta imagem tocou o som dos sininhos?” (apontando a primeira imagem e se referindo ao som do xilofone); a uma leitura mais aprofundada, em uma tentativa de desvelamento de possíveis representações simbólicas, como: “O que pode ter feito o céu mudar de cor,



a onda chegou até lá em cima?” (na décima quarta imagem), e “O que o som do tambor pode ter a ver com a imagem da despedida?” (mostrando a última ilustração).

A Figura 4 traz um recorte da nona ilustração, uma das mais amadas pelas crianças mediadas. A imagem é aqui tomada como representação para o *fazer uma experiência* da menina com o mar, que por ele se permite atravessar e transformar, e também metaforiza o *fazer uma experiência* das crianças mediadas.

Figura 4: A menina-personagem *faz uma experiência*



Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Lee (2017).

Retomando cada ilustração do livro, essas perguntas e outras foram feitas, buscando recolher as percepções das crianças e multiplicá-las no diálogo partilhado entre o grupo, em um exercício que fomentou a imaginação, o respeito à diversidade – de ser e de ver – e a elaboração de novas perguntas para a qual muitas respostas eram possíveis e, às vezes, nenhuma era plenamente aceitável.

3 UMA NOVA COR DE CÉU

A mediação discutida aponta uma prática arte-educativa potente para o desenvolvimento de uma educação integral e estética, considerativa da unicidade sensível-inteligível do ser humano. A exemplo da menina-personagem, as crianças mediadas se entregaram à onda e com ela *fizeram uma experiência*; o olhar que antes via somente branco, agora enxerga também azul, feito o céu que se transforma em *Onda*.

Ao unir literatura e música, a vivência não apenas instiga os desenvolvimentos sensível e intelectual dos mediados, mas o faz ampliando seu repertório cultural, enquanto acolhe suas particularidades, valorizando-as e, assim, contribuindo para uma cultura da paz, com respeito às diferenças.



Explorando a arte por meio de seus ditos e não ditos, propicia-se que as crianças evoquem e digam seus próprios saberes e, na partilha coletiva, reelaborem-nos. No diálogo partilhado que multiplicou imaginação, sentidos e vozes, alimentou-se uma educação emancipadora, na medida em que se acolheu e ampliou, ao invés de rechaçar e limitar, pontos de vista e modos de expressão, portanto, modos de *ser*; a exemplo do que faz a arte.

Limitado ao escopo proposto do relato analítico de uma prática em arte-educação, o trabalho confirmou que a conjugação literatura-música na mediação propicia o *fazer uma experiência* e beneficia os mediados ao promover o jogo entre o sensível e o inteligível que constituem a integralidade humana. Assim, aponta-se um campo fértil de experimentação e pesquisa. Quiçá as investigações e as boas práticas sobre o tema se multipliquem tanto quanto os olhares possíveis acerca da arte.



REFERÊNCIAS

BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 3. ed. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

HEIDEGGER, Martin. Caminhos da linguagem. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 5. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HENTCHEN, Luana Camila. Fazer experiências literárias como caminho para a educação estética. *ARACÊ*, [S. l.], v. 7, n. 10, p. e8885, 2025. DOI: 10.56238/arev7n10-114. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/8885>. Acesso em: 13 out. 2025.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes e João W. Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LEE, Suzy. Onda. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

NEITZEL, Adair de Aguiar; PAREJA, Cleide Jussara Muller; KRAMES, Ilisabet Pradi. Mediação e mediadores do texto literário. In: URIARTE, Mônica Zewe; NEITZEL, Adair de Aguiar; KRAMES, Ilisabet Pradi. (org.). *Cultura, escola e educação criadora: mediações culturais e proposições estéticas*. Curitiba: CRV, 2020. p. 45-67.

NEITZEL, Adair de Aguiar.; RAMOS, Flávia Brocchetto. A leitura do literário como experiência artística e estética. CARVALHO, Mário de Faria ; BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA, André Luiz dos S. (org.) In: *Estéticas dissidentes e educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. DOI: <https://www.doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.95163> . Acesso em 19 set. 2025.

RUUD, Even. Caminhos da musicoterapia. Tradução Vera Wrobel. São Paulo: Summus, 1990.

SCHAFER, R. Murray, A afinação do mundo. 2. ed. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: UNESP, 2011.

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem: numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 2017.

